

CAPÍTULO 14

A TRADUÇÃO DO AMOR E OS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA LEITURA PSICANALÍTICA A PARTIR DA PALESTRA DA DRA. JANISE PEDRA

Janise Pedra

Psicanalista, Doutora em Psicanálise pela FUUSA, Mestre em Psicanálise pela Kennedy, Pós-graduada em Ciência da Religião e Psicopedagogia, Graduada em Pedagogia

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar, sob a ótica da psicanálise freudiana e lacaniana, a fala da psicanalista Dra. Janise Pedra durante o seminário sobre o Agosto Lilás, movimento de enfrentamento à violência contra a mulher. A análise enfatiza os mecanismos inconscientes que sustentam os relacionamentos abusivos e o modo como as más traduções afetivas na infância impactam a formação do sujeito e sua relação com o amor e o desejo. O texto propõe uma reflexão sobre a necessidade de reeducar os sentidos e reinterpretar os afetos como forma de superação dos vínculos destrutivos e repetitivos nas relações amorosas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Relações abusivas; Inconsciente; Apego; Reeducação dos sentidos.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um fenômeno social e psicológico que transcende o âmbito jurídico e moral, sendo necessário compreendê-lo também sob a perspectiva psicanalítica. Ainda que leis como a Lei Maria da Penha representem marcos fundamentais no combate à violência de gênero, o enfrentamento desse fenômeno demanda uma análise que ultrapasse o comportamento manifesto e alcance as dimensões inconscientes que estruturam o sujeito e suas relações. A psicanálise, desde Freud, propõe que o comportamento humano é orientado por desejos, pulsões e repetições que escapam à racionalidade e que, muitas vezes, reproduzem padrões de sofrimento aprendidos na infância.

A palestra ministrada pela Dra. Janise Pedra, no contexto da campanha Agosto Lilás, insere-se nesse campo de reflexão ao propor um olhar diferenciado sobre os relacionamentos abusivos. Em vez de compreendê-los apenas como relações de dominação social, econômica ou

simbólica, a autora os interpreta como manifestações de conteúdos inconscientes não elaborados, que se reatualizam na vida adulta sob a forma de atração, apego e submissão. Assim, o vínculo abusivo é visto não apenas como um ato de violência de um sujeito sobre o outro, mas como o resultado de uma cadeia psíquica de repetições e identificações primárias que envolvem ambos os parceiros.

Sob essa ótica, a Dra. Pedra defende que a mulher em situação de violência não é apenas vítima passiva, mas um sujeito que, inconscientemente, reproduz dinâmicas de afeto e dor associadas às suas experiências infantis. Essa abordagem, de inspiração freudiana e lacaniana, desloca o foco da análise para o campo do desejo, mostrando que as escolhas amorosas e os padrões relacionais são atravessados por identificações e fantasias inconscientes.

O presente artigo busca, portanto, sistematizar e discutir os principais conceitos apresentados pela autora, articulando-os com as contribuições teóricas de Sigmund Freud, especialmente suas formulações sobre o Édipo e a repetição, e de Jacques Lacan, no que se refere à estrutura simbólica do inconsciente e à relação do sujeito com o olhar e a linguagem. Pretende-se, assim, ampliar a compreensão dos relacionamentos abusivos como fenômenos psíquicos complexos, cujas raízes estão nas formas de tradução e significação do amor, da falta e do desejo ao longo do desenvolvimento subjetivo.

DESENVOLVIMENTO

A Dra. Janise Pedra parte do princípio de que o relacionamento abusivo não é fruto apenas de fatores sociais ou comportamentais, mas de uma estrutura psíquica moldada desde a infância. Essa concepção desloca o debate da violência de gênero para o campo da subjetividade e da constituição do sujeito desejante. Para a psicanálise, o modo como o sujeito ama, sofre e se vincula está profundamente enraizado nas primeiras experiências afetivas, especialmente na relação com a mãe, que a autora denomina de “primeira educadora do mundo”. É nessa relação inaugural que a criança aprende a traduzir sensações em significados, isto é, a associar o amor, o cuidado e o desejo a determinadas experiências corporais e emocionais.

Se a mãe transmite mensagens ambíguas, contraditórias ou carentes de afeto, a criança tende a internalizar uma percepção distorcida do amor — que pode ser confundido com sofrimento, rejeição ou ausência. Para Janise Pedra, é a partir dessas más traduções afetivas que se formam os vínculos patológicos da vida adulta, em que o sujeito busca, inconscientemente, repetir a dor original. Assim, o relacionamento abusivo não é apenas um encontro entre vítima e agressor, mas entre duas histórias psíquicas que se reconhecem no espelho da falta e da repetição.

Segundo Lacan (1958/1998), o inconsciente é estruturado como uma linguagem; logo, aquilo que não pôde ser simbolizado na infância retorna, mais tarde, na forma de ato, sintoma ou repetição. A fala, o olhar e o corpo tornam-se meios pelos quais o sujeito tenta reencontrar o “significante perdido” de sua história. Nesse sentido, a mulher que vivencia uma relação abusiva pode não estar em busca de dor, mas do olhar que um dia significou amor. O agressor, por sua vez, também repete, em sua postura de dominação, a necessidade inconsciente de controlar e punir a figura materna ausente ou frustrante. O encontro entre ambos, portanto, é uma repetição de traumas que se buscam e se confirmam mutuamente.

A autora propõe um percurso de cinco etapas que estruturam o ciclo da relação abusiva: o olhar, a fala, o toque, o apego e a degradação. O olhar, primeiro elo do encantamento, ativa o inconsciente e desperta lembranças arcaicas de fascinação e desejo. A fala, por sua vez, reforça o vínculo simbólico, produzindo a ilusão de completude. O toque consolida a fantasia edípica, na qual o prazer e a dor se confundem. O apego surge como substituto de um amor não recebido — uma tentativa de preencher a falta com a presença do outro —, e a degradação representa o retorno da dor primordial, o ponto em que o prazer se transforma em sofrimento. Essa sequência evidencia o movimento circular da repetição, no qual o sujeito insiste em reviver o trauma para, paradoxalmente, tentar curá-lo.

A proposta da Dra. Pedra converge com a ideia freudiana de que a neurose é a repetição de uma história reprimida (Freud, 1914/2010). O inconsciente não distingue passado e presente; ele repete, no tempo atual, o que não foi simbolizado no passado. Assim, a mulher que permanece em relações destrutivas o faz porque, em algum nível inconsciente, tenta reinscrever o amor perdido da infância. A ruptura, portanto, não basta. É preciso elaborar o afeto, compreender o lugar que se ocupa na relação e reeducar os sentidos que organizam o desejo. Essa reeducação, como lembra Janise Pedra, é um processo de ressignificação daquilo que o corpo sentiu e a mente não conseguiu traduzir em palavras.

Ao citar “Memórias de minhas putas tristes”, de Gabriel García Márquez, e o filme “É Assim que Acaba”, a autora propõe um diálogo entre psicanálise e literatura, mostrando que a cultura é um espelho das repetições humanas. Nessas obras, a busca pelo amor impossível simboliza o desejo de reencontrar o olhar perdido da infância — um olhar que, ao mesmo tempo que acolhe, fere; que promete amor, mas produz falta. O abuso, nesse sentido, é a cristalização dessa busca por completude. O amor abusivo é aquele que, em vez de libertar, aprisiona o sujeito à sua própria fantasia de reparação.

A psicanálise, diferentemente das abordagens moralistas, não julga o sujeito, mas busca compreender a lógica inconsciente que sustenta o sofrimento. O papel do analista é ajudar o indivíduo a traduzir novamente suas sensações, substituindo a dor repetida por uma nova significação. A fala, nesse processo, torna-se instrumento de cura: ao narrar o próprio

sofrimento, o sujeito o reinscreve simbolicamente, abrindo espaço para novas formas de amar e ser amado.

Por fim, Janise Pedra enfatiza que a libertação emocional não é um ato de força, mas de consciência. É o momento em que o sujeito se reconhece como autor de sua história, compreendendo que o amor não deve ser confundido com o sacrifício. Somente quando se rompe com a necessidade de repetir o trauma é que o amor deixa de ser sintoma e passa a ser encontro.

CONCLUSÃO

A fala da Dra. Janise Pedra convida à reflexão sobre o papel da psicanálise na compreensão e tratamento das relações abusivas. Mais do que apontar culpados ou delimitar responsabilidades morais, sua abordagem propõe a escuta como instrumento de cura e a reeducação dos sentidos como caminho para a reconstrução subjetiva. A violência emocional, sob essa ótica, é menos um ato isolado e mais o resultado de uma história afetiva mal traduzida, que se repete no presente como tentativa de elaborar simbolicamente uma dor antiga.

A psicanálise, ao oferecer um espaço de fala, permite que o sujeito transforme o que antes era repetição em elaboração. Falar é recordar, e recordar é elaborar — como afirmou Freud (1914/2010) —, e é nesse processo que o inconsciente encontra novas formas de expressão. Quando a palavra substitui o sintoma, o sujeito deixa de agir a dor e passa a narrá-la, ressignificando sua história. A escuta analítica, portanto, não se propõe a corrigir o outro, mas a acompanhá-lo na descoberta de que o amor pode existir fora do campo da falta e da submissão.

Dessa forma, o Agosto Lilás ultrapassa o campo da denúncia e se torna também um chamado à autoconsciência e ao autocuidado emocional. As ações de combate à violência contra a mulher ganham profundidade quando articuladas à dimensão simbólica do sofrimento, revelando que a verdadeira emancipação passa pelo reconhecimento das estruturas psíquicas que aprisionam o sujeito ao desejo do outro. O movimento, assim, não é apenas social, mas também interno: um processo de reconstrução da própria identidade e da maneira como se ama e se é amado.

A mensagem central que emerge do discurso da Dra. Pedra é a de que não há cura sem escuta, nem liberdade sem consciência. A mulher — e o homem — que reconhece a origem inconsciente de suas repetições afetivas pode, finalmente, interromper o ciclo da dor e construir vínculos mais saudáveis, baseados no respeito, na alteridade e na escolha livre. A psicanálise, nesse contexto, oferece não apenas uma teoria sobre o sofrimento humano, mas um convite ético à transformação.

Em última instância, compreender a violência a partir do inconsciente é reconhecer que o social e o psíquico se entrelaçam. A transformação de uma sociedade violenta exige também a escuta de suas dores mais íntimas

— aquelas que se iniciam na infância e se perpetuam nas relações adultas. O legado da fala da Dra. Janise Pedra reside justamente nesse ponto: ao iluminar o vínculo entre afeto e trauma, desejo e destruição, ela reafirma a potência da palavra como instrumento de libertação.

REFERÊNCIAS

Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12). Imago.

Lacan, J. (1998). Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Pedra, J. (2025). Seminário sobre o Agosto Lilás. Transcrição de palestra inédita.

Márquez, G. G. (2003). Memórias de minhas putas tristes. Rio de Janeiro: Record.